

Beatriz Tiemy Nichioka

NIHON

uma jornada entre

TRADIÇÃO e MODERNIDADE





日本

NIHON



Beatriz Tiemy Nichioka

日本

NIHON

uma jornada entre TRADIÇÃO e MODERNIDADE

São Paulo – 2025

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso

Nihon: uma jornada entre tradição e modernidade

Beatriz Tiemy Nichioka

Orientação

Diogo de Hollanda

Texto

Beatriz Tiemy Nichioka

Diagramação e capa

Alline Garcia Bullara

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – FAFICLA
Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes/SP – Fone: 3670-8217

DEDICO ESTE TRABALHO, com todo meu carinho e gratidão, aos meus avós Marly Nichioka e Nelson Nichioka, que já não estão mais entre nós, mas cuja história e herança japonesa foram fonte de inspiração profunda para a construção deste projeto.

Aos meus pais, Fábio Nichioka e Dora Nichioka, agradeço imensamente por todo o apoio incondicional desde o início da minha trajetória acadêmica. Foram eles que tornaram possível não apenas os meus estudos, mas também a realização da viagem ao Japão — experiência essencial para a concepção e desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também a toda a minha família, pelo suporte constante, e ao meu namorado, por estar ao meu lado em cada desafio, me incentivando a seguir lutando pelos meus sonhos.

Por fim, expresso minha mais sincera gratidão ao meu orientador, professor Diogo de Hollanda, por sua orientação generosa, paciência e por todos os ensinamentos valiosos, sem os quais este projeto não teria sido possível.



開平や子の
ふれ
か

壬辰

JAPÃO.....	9
------------	---

Tradição e cultura

INTRODUÇÃO À ESPIRITUALIDADE E TRADIÇÃO.....	12
PRÁTICAS RELIGIOSAS E RITUAIS.....	20
ARQUITETURA E PATRIMÔNIO.....	26
TRADIÇÕES POPULARES E SÍMBOLOS.....	32

Vida urbana

CIDADE EM MOVIMENTO.....	38
ESTÉTICA NOTURNA.....	42
CULTURA E CONSUMO DAS RUAS.....	48
FRAGMENTOS DO COTIDIANO.....	52

Cultura contemporânea

CULINÁRIA LOCAL.....	58
IDENTIDADE DAS RUAS.....	64
RAÍZES QUE ATRAVESSARAM O TEMPO.....	70

SUMÁRIO



O JAPÃO É UM TERRITÓRIO ONDE O TEMPO DOBRA. Em uma esquina, uma tábua de madeira marcada por séculos de orações; na outra, um letreiro de LED que muda de cor a cada segundo. Esse contraste entre tradição e modernidade é o fio condutor deste fotolivro — um projeto que nasceu de uma jornada íntima e, ao mesmo tempo, universal.

Em 2025, embarquei pela primeira vez ao Japão ao lado da minha família. Foi mais do que uma viagem: foi um reencontro com a nossa própria história. Depois de mais de 15 anos, revimos minha tia, que vive em Chiba, e transformei esse reencontro em uma documentação visual e emocional. Com 22 anos e uma câmera nas mãos, percorri as ruas de Tóquio, Osaka, Kyoto, Nara e Chiba buscando compreender o que significa pertencer a dois mundos, explorando, respirando e vivendo cada segundo dessa experiência transformadora. Cada clique carrega o olhar curioso e fascinado de alguém que tenta decifrar as raízes que crescem sob a superfície da modernidade.

O Japão atual é composto por vários acontecimentos ao longo dos anos que causaram rupturas e reconstruções. O período Edo (1603-1868), reconhecido por sua rigidez cultural, foi contraposto pela restauração Meiji (1868-1912), que buscou a abertura do arquipélago ao Ocidente, resultando em uma transformação social e tecnológica. Desde então, o país equilibra com precisão a preservação de sua herança milenar com o ímpeto de inovação — seja na arquitetura, na moda, nos transportes ou na espiritualidade.

Este livro é, portanto, o reflexo da existência dos opostos em um único lugar. Entre um santuário em Kyoto e um cruzamento movimentado em Shibuya, as imagens revelam o Japão em sua forma mais pura: contraditório, harmônico e veloz ao mesmo tempo. Mais do que capturar paisagens, as fotografias aqui reunidas buscam traduzir uma experiência — a de uma jovem nipo-brasileira tentando se reconhecer num país que é, simultaneamente, familiar e estrangeiro.

TRADIÇÃO E CULTURA





INTRODUÇÃO À ESPIRITUALIDADE E TRADIÇÃO

Osaka

Portões característicos de templos budistas e santuários xintoístas, presentes desde o período Heian (794-1185), marcam a passagem do mundo profano ao sagrado.

Ao fundo, a pagoda reforça a presença do budismo, difundido na região desde o século VI — um legado que resiste à urbanização e às transformações sociais.



Tóquio

Portais são elementos essenciais da arquitetura xintoísta desde o período Heian, simbolizando a entrada em um espaço de purificação espiritual. O crisântemo dourado, emblema da família imperial, reforça a conexão do local com a história e a identidade nacional japonesa.



Osaka

No interior de uma área arborizada, o portão sagrado (torii) se impõe como elo entre o plano humano e o divino. Um marco de respeito e passagem espiritual que permanece vivo nos espaços de contemplação.





Osaka

Pedaços de papel com previsões (omikujis) são amarrados no templo Katsuō-ji como forma de afastar a má sorte. Um gesto ritualístico que transforma o azar em esperança — prática comum em muitos espaços de devoção.



Kyoto

A corda cerimonial (shimenawa), ornada com tiras de papel dobrado (shide), delimita a entrada de um espaço sagrado, marcando a presença de divindades e protegendo contra impurezas. Elemento simbólico central no xintoísmo, remete à pureza e à separação entre mundos.



Kyoto

As fileiras de portões (torii) do santuário Fushimi Inari Taisha representam uma espiritualidade ancestral que permanece atuante, mesmo em meio à paisagem contemporânea moldada pelo avanço tecnológico.



Chiba, Tóquio

Máscara do leão protetor (shishi), figura presente no folclore e em festividades locais. Esculpida em madeira, a peça é tradicionalmente utilizada como amuleto contra espíritos malignos.

**PRÁTICAS
RELIGIOSAS
E RITUAIS**

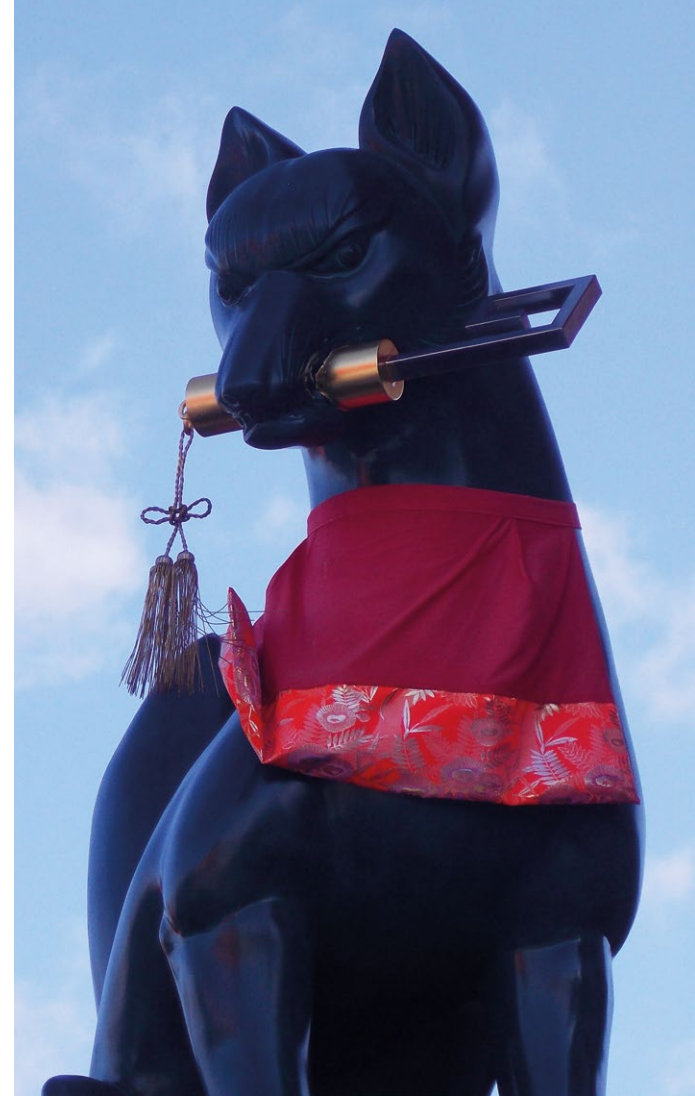


Nara

Detalhe de uma das divindades guardiãs (Niō), figuras protetoras posicionadas na entrada de construções budistas. Esculpidas em madeira com expressões intensas, simbolizam força espiritual e servem como defesa contra influências malignas.

Kyoto

Representação da raposa sagrada guardiã (kitsune), mensageira do deus agrícola Inari. A estátua segura uma chave na boca, símbolo do acesso aos celeiros e da abundância — elemento característico do santuário Fushimi Inari Taisha.



村口健一殿

船本俊之殿

コーポレーション殿

嘉陽利明殿

奥谷直輝殿

宮本恵子殿

田紗連殿

吹田市

清水

株式会社セブンピクチャーズ

代表取締役

山内

株式会社ナカジマ建設工業

代表取締役

中島

株式会社NOKOSO

代表取締役

河野伸

株式会社伊藤建築デザイン

一級建築士事務所
代表取締役

伊藤

株式会社アロホーム

代表取締役

足立

株式会社大丸松坂屋



Osaka

Placas de madeira com inscrições em caracteres japoneses (kanji) registram desejos e agradecimentos deixados pelos fiéis. A prática revela a importância da fé compartilhada e da conexão espiritual nos espaços dedicados à devoção.

Kyoto

Centenas de portais vermelhos (torii), alinhados em sequência e marcados por inscrições, registram votos e agradecimentos deixados por fiéis ao longo de gerações.





Kyoto

Uma jovem vestida com um kimono tradicional amarra sua placa votiva (ema), utilizada para registrar preces e desejos pessoais. Essas pequenas tábuas de madeira são deixadas em santuários xintoístas como forma de comunicação com os deuses (kami). O registro revela a espiritualidade presente no cotidiano japonês, em que a herança cultural se manifesta em gestos de fé.

ARQUITETURA E PATRIMÔNIO

Kyoto

Construído em 1397 como refúgio do xogum Ashikaga Yoshimitsu, o Pavilhão Dourado (Kinkaku-ji) expressa em sua arquitetura a filosofia zen e o esplendor da era Muromachi (1336–1573). Refletido nas águas calmas do lago, representa visualmente a dualidade entre permanência e transformação.







Kyoto

O portão cerimonial Karamon, construído no século XVII, marcava a entrada do Castelo Nijō, antiga residência dos xoguns Tokugawa — linhagem dominante durante o Período Edo (1603–1868).



Nara

O Grande Salão do Buda (Daibutsuden), localizado no templo Tōdai-ji em Nara, é uma das maiores estruturas de madeira já erguidas. Originalmente construído no século VIII, simboliza a imponência espiritual e a sofisticação técnica do período Nara (710–794).



Kyoto

Telhados curvos e detalhamento em madeira esculpida revelam a forte influência do budismo na estética arquitetônica desenvolvida entre os séculos VIII e XVI, marcando templos e edifícios com harmonia e simbolismo.

Chiba

Murais com traços do estilo ukiyo-e, técnica de xilogravura desenvolvida durante o Período Edo . As chamadas “imagens do mundo flutuante” retratavam cenas do cotidiano, paisagens e atores do teatro kabuki — forma clássica de representação cênica marcada por gestos exagerados, maquiagem expressiva e figurinos elaborados, na qual todos os papéis, inclusive os femininos, são interpretados por homens. Essas obras tornaram-se importantes registros visuais da vida urbana e da sensibilidade estética da época.



TRADIÇÕES POPULARES E SÍMBOLOS

Osaka

As figuras Daruma ,
inspiradas no monge
Bodhidharma, simbolizam
persistência e superação.
Utilizadas em rituais de
intenção, têm um dos
olhos pintados ao se
fazer um pedido, e o
outro, somente quando
o objetivo é alcançado.





Osaka

Alinhados lado a lado, os pequenos Daruma representam promessas em construção. Cada expressão pintada carrega um desejo pessoal — reflexo da busca por metas, fé e transformação interior.



Tóquio

No santuário Meiji Jingu, em meio à agitação de Tóquio, a cerimônia de casamento xintoísta preserva rituais ancestrais do período Heian. A noiva veste o tradicional quimono (shiromuku) branco, símbolo de pureza, enquanto a cidade moderna observa ao fundo — uma união literal entre tradição e futuro.



Tóquio

Durante uma cerimônia de casamento no santuário Meiji Jingu, rituais preservados ganham nova vida no coração da metrópole. A noiva veste o quimono branco cerimonial (shiromuku) e o adorno de cabeça (tsukakoshi), símbolo de pureza.

VIDA URBANA





CIDADE EM MOVIMENTO

Shibuya, Tóquio

Sob a luz do dia, Shibuya revela sua face vibrante, marcada por painéis publicitários de marcas globais como Yakult, IKEA e Starbucks. Esse cenário urbano é resultado da modernização iniciada na era Meiji (1868–1912), período em que o país incorporou elementos do urbanismo ocidental em resposta à crescente pressão internacional por industrialização e competitividade.





UC
VISA
MasterCard

龍角散
ザイレト
のど、潤滑、うるおう

Hisamitsu
サロパス

IKEA

Rakuten

もんじゃ

DMM

大盛堂 店

STARBUCKS

TSUTAYA



Shibuya, Tóquio

O cruzamento mais movimentado do mundo tornou-se um dos maiores ícones da vida urbana contemporânea. Após a Segunda Guerra Mundial, Tóquio passou por um processo de reconstrução acelerado, que culminou em uma paisagem verticalizada, funcional e tecnologicamente avançada.



Ginza, Tóquio

Às 18h58, um instante congelado destaca a precisão do sistema de transporte. O painel da Linha Ginza, a mais antiga do metrô da cidade, inaugurada em 1927, anuncia com exatidão a chegada do próximo trem às 18h59 — exemplo da eficiência que estrutura o cotidiano urbano.

ESTÉTICA NOTURNA

Shibuya, Tóquio

À noite, as luzes de Shibuya Yokocho evocam a atmosfera dos becos japoneses que prosperaram no pós-guerra, reunindo pequenos bares e izakayas. Hoje, esses corredores mantêm elementos visuais tradicionais, como lanternas e caligrafias clássicas, mesmo inseridos no centro de uma das regiões mais modernas da cidade. Um contraste marcante entre memória cultural e agitação contemporânea.





Asakusa, Tóquio

Entre postes e edificações residenciais, lanternas discretas anunciam a presença de pequenos estabelecimentos, como os bares de oden — prato típico servido no inverno. A cena revela como microculturas locais persistem em meio à densidade urbana, adaptando práticas antigas ao cotidiano atual.



Tóquio

Diante das vitrines iluminadas, a figura do Daruma — símbolo de perseverança — é incorporada à linguagem visual do comércio. Ícone espiritual transformado em estética pop, ele exemplifica como elementos tradicionais são ressignificados no cenário urbano.

Tóquio

As lanternas de papel (chōchin), presentes desde o período Edo, iluminam as entradas de bares e izakayas. De objeto utilitário à referência estética, tornaram-se símbolos da vida noturna nas grandes cidades.



Tóquio

As lanternas compartilham espaço com logotipos internacionais como Coca-Cola e Orion. Em mercados noturnos de bairros multiculturais como Shin-Ōkubo, a presença coreana evidencia o dinamismo de uma sociedade onde tradições visuais dialogam com a globalização.



CULTURA E CONSUMO DAS RUAS

Tóquio

Akihabara, considerada o berço da cultura otaku, termo usado para descrever fãs dedicados de anime, mangá e jogos, floresceu no pós-guerra como símbolo da reconstrução nacional. Hoje, é um polo de consumo de eletrônicos e produtos de cultura pop, vibrando entre letreiros de LED, lojas 24 horas e universos digitais.





Osaka

O lepreiro da marca Glico, no bairro de Dotonbori, tornou-se um dos ícones visuais mais reconhecíveis do país. Em meio a outdoors vibrantes e personagens ilustrados, a região reflete a fusão entre consumo, entretenimento e identidade urbana — um espetáculo luminoso que traduz a energia da vida noturna e da cultura de massa contemporânea.

Asakusa, Tóquio

A Tokyo Skytree, com 634 metros de altura, é a torre mais alta do país e a segunda estrutura mais elevada do mundo. Inaugurada em 2012, representa o avanço tecnológico e a capacidade de reinvenção da sociedade japonesa. À esquerda, o edifício da cervejaria Asahi exibe sua icônica “chama dourada”, projetada por Philippe Starck — fusão entre design pós-moderno e a tradição da produção cervejeira local.





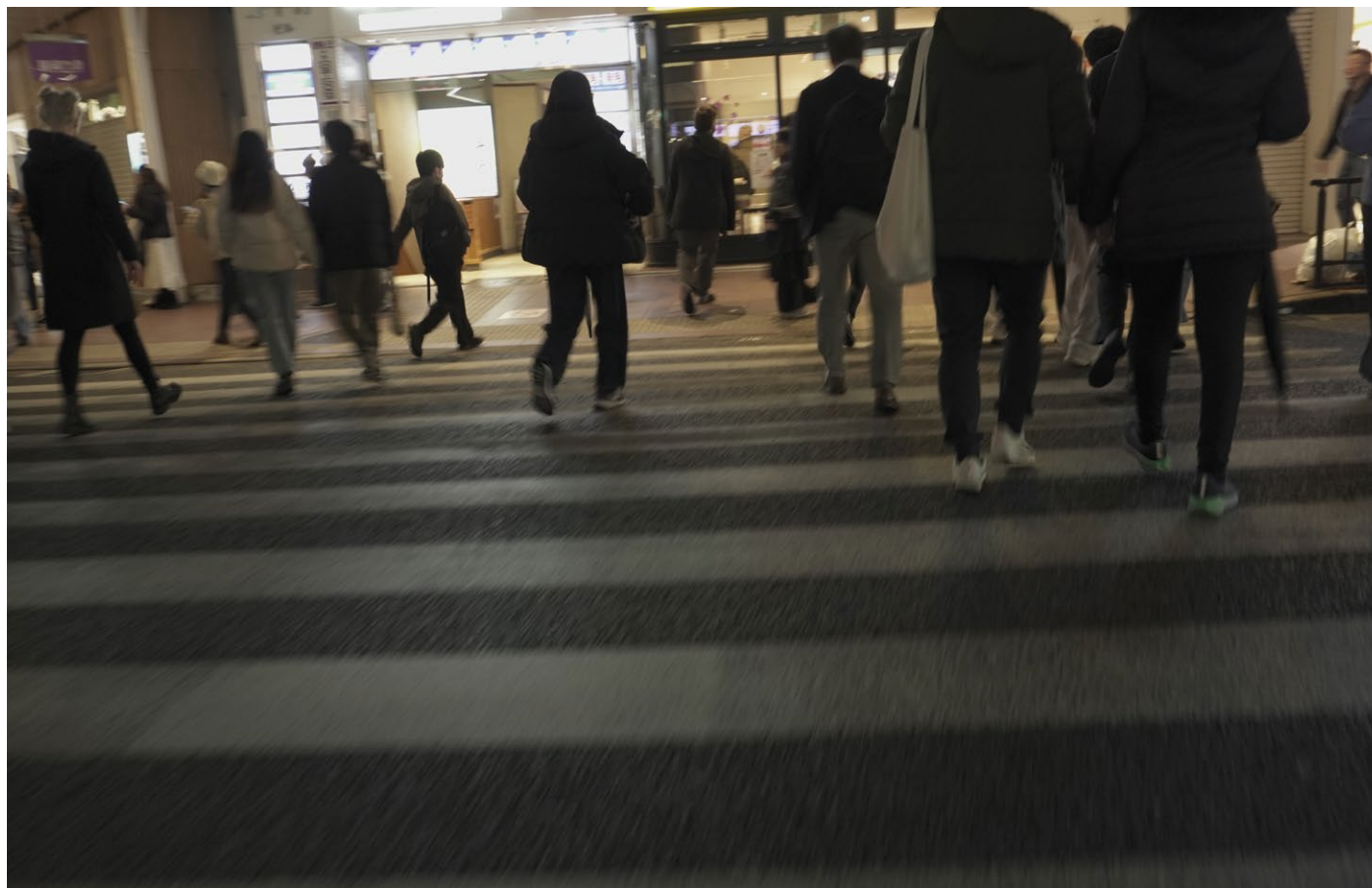
Tóquio

O Japão pós-industrial, resultado de uma urbanização acelerada iniciada após a Segunda Guerra Mundial. A fusão entre marcas globais e estética local cria uma paisagem de consumo que simboliza o ritmo frenético e o dinamismo da sociedade contemporânea japonesa.

FRAGMENTOS DO COTIDIANO

Kyoto

Na travessia de uma grande cidade, o silêncio disciplinado dos pedestres revela o senso coletivo que estrutura o cotidiano urbano. Entre luzes de néon e vitrines contemporâneas, o passo apressado reflete uma sociedade que valoriza a ordem, a eficiência e o fluxo contínuo da metrópole.





Kyoto

Mesmo sob a chuva, a conexão com a paisagem natural se mantém. A cena destaca o contraste entre a serenidade cultivada no cotidiano e o ritmo intenso das grandes cidades.

Tóquio

Placas de madeira com escrita japonesa anunciam pratos típicos como okonomiyaki e monjayaki, populares desde o período Edo. A culinária de rua permanece como parte essencial da experiência urbana contemporânea.



Tóquio

O bairro de Shibuya consolidou-se após a inauguração da estação de trem homônima em 1885, tornando-se um dos maiores símbolos da urbanização acelerada. Hoje, suas fachadas verticais exibem anúncios de karaokês — invenção japonesa dos anos 1970 — misturados a painéis digitais e vitrines de marcas globais.



CULTURA CONTEM- PORÂNEA





CULINÁRIA LOCAL

Tóquio

Em uma barraca próxima ao antigo Mercado Tsukiji, a tradicional enguia grelhada (unagi) é preparada diante dos clientes, mantendo práticas culinárias que remontam ao período Edo. Popular no verão, especialmente durante o Dia do Boi (Doyo no Ushi no Hi), o unagi simboliza vitalidade e resistência. Grelhada sobre carvão e coberta com molho tarê, sua confecção artesanal contrasta com o ritmo acelerado da metrópole.



海鮮
バーベキュー

かに汁
1,000円

カラバカン
King's crab
1,000円

Lobster
1,000円

3匹 1,500円

Crab
1,000円

Crab
1,000円

Crab
1,000円

Crab
1,000円

Crab
1,000円

Crab
1,000円

カラバカン
king crab claw
3,500円

カラバカン
King's crab
3,500円

Sea Food Rice Bowl
King's crab
3,500円



Tóquio

No antigo Mercado Tsukiji, frutos do mar como esses camarões representam mais do que ingredientes: são parte de uma herança alimentar que moldou a cozinha local por séculos. Mesmo após a transferência do mercado central para Toyosu, a área externa de Tsukiji permanece ativa, conectando práticas ancestrais à vida comercial contemporânea.



Kyoto

O udon, macarrão espesso feito de farinha de trigo, é um dos pilares da alimentação japonesa. Apesar de origem chinesa, acredita-se que tenha sido introduzido por monges budistas durante o período Nara e adaptado regionalmente ao longo dos séculos. Servido em versões quentes ou frias, com caldos leves ou tempurá. Em Kyoto, saborear udon é também reconhecer a continuidade de uma prática cotidiana com raízes profundas.



Tsukiji Outer Market – Tóquio

O sushi, hoje reconhecido mundialmente, surgiu no período Edo como edomae-zushi — versão prática e fresca servida nas ruas próximas à baía de Tóquio. Nesta imagem, a técnica artesanal permanece viva, com ingredientes como o atum gordo (toro), ao mesmo tempo em que luvas e embalagens plásticas refletem os padrões contemporâneos de higiene e conveniência. Uma síntese entre tradição culinária e urbanidade funcional.

Kyoto

O chá (ocha) tem papel simbólico e espiritual no cotidiano japonês. Introduzido no século IX por monges budistas, foi inicialmente utilizado para auxiliar na meditação. Séculos depois, tornou-se o centro da cerimônia do chá (chanoyu), formalizada no século XVI por mestres como Sen no Rikyū, que estabeleceu os princípios do wabi-sabi: simplicidade, impermanência e harmonia. Mesmo hoje, entre a pressa e o consumo moderno, o ato de beber chá permanece como um elo silencioso com o passado.



IDENTIDADE DAS RUAS





Tóquio

No santuário Meiji Jingu, barris decorativos de saquê (kazaridararu) são oferecidos como forma de gratidão e reverência. A prática remonta ao período Meiji (1868–1912), quando a bebida — considerada sagrada no xintoísmo — era usada em celebrações de colheitas, casamentos e rituais de purificação. As inscrições nos barris representam produtores de diversas regiões, unindo agricultura, espiritualidade e identidade cultural em um gesto cerimonial coletivo.



Tóquio

Lentes de contato coloridas, além da função corretiva, são amplamente utilizadas como recurso estético no dia a dia. Muito populares entre jovens, ajudam a criar olhos maiores e expressivos, inspirados por personagens de anime e ídolos pop. Essa busca por um ideal de beleza visual reflete a interseção entre cultura contemporânea, tradição visual e consumo estilizado.



Asakusa, Tóquio

Em um restaurante tradicional, a combinação entre tecido vermelho com ideogramas e a publicidade de saquê (nihonshu) revela a presença contínua de elementos históricos no cotidiano. O cartaz destaca um junmai, tipo de saquê feito apenas com arroz, água, fermento e kōji, sem adição de álcool. Com raízes no período Nara, o saquê permanece presente em rituais religiosos, celebrações e momentos sociais. Nesse espaço, passado e presente dialogam por meio da estética e do que se consome.



Asakusa, Tóquio

A luminária exibe o nome "Daikokuya", referência ao deus Daikokuten, associado à fortuna e à prosperidade. Seu design tradicional remete à arquitetura de antigas casas comerciais, preservando elementos da herança visual mesmo em meio ao ambiente urbano contemporâneo.



Asakusa, Tóquio

Mesmo em frente ao templo Sensō-ji, a tecnologia se insere com naturalidade: máquinas de venda automática seguem padrões visuais tradicionais, demonstrando como inovação e respeito ao cenário histórico podem coexistir no espaço urbano.

Kyoto

Entre os bairros históricos de Gion e Kawaramachi, o cruzamento de Gion-Shijō revela o contraste entre preservação e renovação. À esquerda, ruelas tradicionais por onde ainda circulam gueixas em direção a casas de chá (ochaya); à direita, vitrines de redes globais de fast fashion. Ex-capital imperial por mais de mil anos (794–1868), Kyoto integra seu patrimônio ao ritmo da cidade contemporânea — onde o passado se projeta sobre o presente em camadas sobrepostas de identidade.



**RAÍZES QUE
ATRAVESSARAM
O TEMPO**



Fujikawaguchiko

Nos arredores do Monte Fuji, a imagem captura o intervalo entre o fim do inverno e o anúncio da primavera. Galhos nus de cerejeiras se estendem sobre o canal, aguardando o florescimento das sakura, símbolo de renovação e impermanência — conceito central do wabi-sabi, que valoriza a beleza transitória.

Fujikawaguchiko

O Monte Fuji (Fujisan) ergue-se sereno diante das águas do lago Kawaguchi (Kawaguchi-ko), como monumento natural à espiritualidade do arquipélago. Venerado desde os tempos antigos, é sagrado tanto no xintoísmo quanto no budismo, sendo destino de peregrinação desde o período Heian. Sua simetria inspira o wabi-sabi: a beleza da imperfeição e da transitoriedade.



Fujiyoshida

A pagoda Chureito, vista de baixo para cima, revela sua estrutura em cinco níveis — modelo clássico da arquitetura religiosa. As pagodas (tō), introduzidas durante o período Asuka (538–710), representam os cinco elementos da natureza: terra (chi), água (sui), fogo (ka), vento (fū) e espírito (kū). Inaugurada em 1963, a Chureito atualiza uma herança estética milenar.



Fujiyoshida

A cena une espiritualidade e paisagem. À direita, a pagoda Chureito — construída em 1963 — se inspira nas pagodes budistas (tō) trazidas durante o período Asuka. Ao fundo, o Monte Fuji (Fujisan) surge como entidade sagrada reverenciada há séculos. Em uma sociedade altamente tecnológica, essa imagem reafirma a permanência do sagrado na vida moderna.



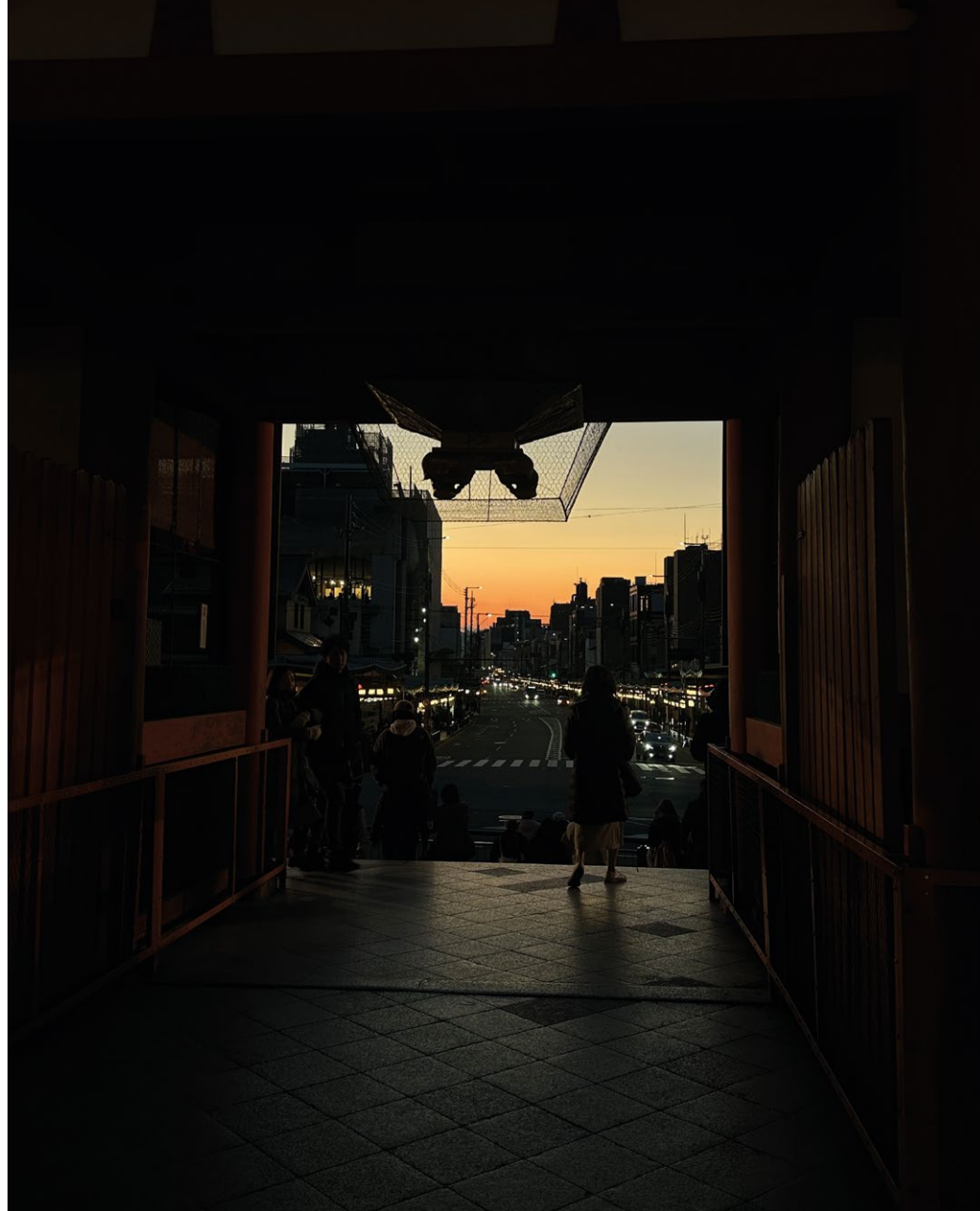
Fujiyoshida

Ao entardecer nos arredores do pagode Chureito, a silhueta dos galhos secos desenha no céu a quietude do inverno. As lanternas acesas evocam caminhos ancestrais, onde o yūgen — noção estética que valoriza o que é sutil e misterioso — se manifesta. Em um local conhecido por sua vista marcante, espiritualidade e silêncio resistem ao tempo e à tecnologia.



Kyoto

Ao sair do templo Yasaka (Yasaka-jinja), fundado no período Heian, o visitante se depara com a sobreposição entre espiritualidade e vida urbana. A lanterna pendente emoldura o pôr do sol sobre o bairro de Gion, onde ainda circulam geiko e ressoam tradições como o teatro kabuki — num encontro silencioso entre o antigo e o contemporâneo.





Fujikawaguchiko

Em uma vila de pequenos comércios, a fachada desta casa exhibe artigos tradicionais. Gatos da sorte (maneki-neko), vasos pintados e uma armadura de samurai (yoroi) compõem o cenário. Esses itens, muitos originários do período Edo, revelam como símbolos históricos permanecem integrados ao cotidiano.



Shibuya, Yoyogi Park

O Ginásio Nacional Yoyogi (Yoyogi Kokuritsu Taiikukan), projetado por Kenzo Tange para as Olimpíadas de 1964, é exemplo da fusão entre a engenharia inovadora e a estética ancestral. Sua estrutura suspensa em cabos remete aos telhados curvos dos templos e simboliza o renascimento de um Japão que abraça a modernidade sem romper com suas raízes.



Osaka

O Castelo de Osaka (Ōsaka-jō) destaca-se como símbolo da unificação do país durante o período Azuchi-Momoyama (1573–1603). Construído por Toyotomi Hideyoshi, teve papel central no poder militar da época. Restaurado em 1931 com estrutura moderna, preserva sua estética original — com telhados curvos e ornamentações douradas — e segue como referência histórica em meio à paisagem urbana atual.



Chiba

Nesta paisagem tranquila, a natureza e o silêncio convidam à contemplação. A cena sintetiza o equilíbrio sutil entre práticas do passado e a rotina de uma sociedade em constante transformação.



PUC-SP

NIHON

uma jornada entre TRADIÇÃO e MODERNIDADE

As imagens que compõem este fotolivro apresentam o Japão ao longo de uma viagem pelas cidades de Tóquio, Kyoto, Osaka, Nara e Fujiyoshida.

Os registros evidenciam o encontro entre o antigo e o novo, trazendo um olhar sensível sobre a maneira como o país preserva sua alma cultural em meio a um cenário cada vez mais tecnológico e acelerado.

Ao longo das páginas, templos religiosos, arquiteturas milenares e símbolos marcantes da cultura pop japonesa constroem uma narrativa visual que documenta não apenas a realidade sociocultural do Japão, mas também a experiência subjetiva e a herança pessoal da autora.